



**RESUMO:** *Dizes-me coisas amargas como os frutos* é o terceiro livro de poesia de Paula Tavares, com o qual a poetisa, em ex-aequo (com o poeta cabo-verdiano José Luís Tavares e o seu primeiro livro de poesia, *Paraíso Apagado por um Trovão*), a segunda edição do prestigiado “Prémio Mário António”, 2004, da Fundação Calouste Gulbenkian. Neste livro, de quase três dezenas de poemas, Paula Tavares extrai do seu sentir e do seu saber – enfim, do seu saber-sentir – das suas memórias e da sua cartografia vivencial e reflexiva as formas de dizer e representar o sul, e mais precisamente a cultura kwanyama, em relação metonímica com o país, através da visão do segmento feminino, que, na poesia de seus antecessores e até antecessoras, até então, era apenas objecto poético.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Condição Angolana/Feminina; Guerra; Memória; Tradição.*

**ABSTRACT:** *Dizes-me coisa amargas como os frutos [Your words taste bitter as fruit] is Paula Tavares’s third poetry book. Along with it she won “Mario Antonio Award/2004”, an award given by Fundação Calouste Gulbenkian. In this book of about thirty poems Paula Tavares goes back to her memories and her cultural and affective cartography to speak about her then at-war country, Angola, by representing the South, or rather, the Kwanyama Culture (the title comes from a traditional Kwanyama lyric), through the vision of women that have always been “poetic object” instead of “poetic subject”, since her predecessors, male or female.*

**KEY-WORDS:** *Angolan/Women’s Condition; War; Memory; Tradition.*

*Dizes-me coisas amargas como os frutos* é o terceiro livro de poesia de Paula Tavares, aliás Ana Paula Ribeiro Tavares, nascida no Lubango (ex-Sá da Bandeira), província da Huíla, sul de Angola. Historiadora e poetisa, é, porém, nesta condição que a autora adentra pelos meandros da condição angolana, através do eu feminino, escarpelizando as razões dessa condição, ora tentando reordenar um tempo de memórias, individuais e colectivas, feitas sonho,

No meu sonho nascem tartarugas dos olhos  
de anjos  
(...)  
No meu sonho um anjo voa a voz da tartaruga  
em volta da luz  
em volta do meu sonho.  
(Conto pende, p. 18)

ora buscando reconfigurar um tempo de memórias de origem, onde se guardam os alicerces de um mundo já desfazer-se devido a perdas,

sofrimentos e lágrimas, de que o título deste livro em causa – *“Dizes-me coisas amargas como os frutos”* – dá o tom, muito disfórico: a amargura perante as notícias da perda do amado.

Guardo a memória do tempo  
e que éramos vatwa,  
os dos frutos silvestres.  
Guardo a memória de um tempo  
sem tempo  
antes da guerra,  
das colheitas  
e das cerimónias.  
(Origens, p. 10)

Depois de *Ritos de Passagem* (1985) e de *O Lago da Lua* (1999), a poetisa reedita neste livro a sua votação ao sul, iniciada no livro anterior, através de sinais culturais kwanyamas, nyanekas, muílas, perseguindo os meandros da condição feminina, num universo em que a palavra no feminino continua a ser de actualização constricta

<sup>1</sup> Expressão da própria (Ana) Paula Tavares escrita na dedicatória ao livro *Ex-Votos* (2003) oferecido à autora deste texto: “Para a Cency, que tem a ciência dos lugares (...)”. Texto lido na cerimónia da entrega do Prémio Mário António 2004, da Fundação Calouste Gulbenkian. Paula Tavares é autora de: *Ritos de Passagem* (1985), *O Lago da Lua* (1999), *Dizes-me coisas amargas como os frutos* (2001) e *Ex-Votos* (2003).

e inserindo-os na reflexão sobre a condição angolana, na tentativa de reordenar um tempo de angústias, de memórias em desagregação, de caos interior e exterior:

Os celeiros estão vazios  
as crianças sem leite.  
(Amada, p. 11)

Neste livro, Paula Tavares extrai do seu sentir e do seu saber – enfim, do seu *saber-sentir* – das suas memórias e da sua cartografia vivencial e reflexiva as formas de dizer e representar o sul, em relação metonímica com o país, através da visão do segmento feminino, até então apenas sujeito poético. Pelo ritual da palavra da sabedoria kwanyama, a autora celebra uma cultura hoje contida pelos efeitos tão nefastos de uma guerra ainda por vencer: aquela que se instalou no coração e na mente dos homens e condiciona os seus gestos e comportamentos.

Revelando um intenso trabalho da palavra, transformada em matéria de louvação, numa postura já iniciada em livro anterior – leiam-se os títulos de poemas como “Mukai VI” e “Mulher VIII”, ostensivamente em continuidade do livro anterior – a autora move-se no seu universo histórico de que o seu imaginário se alimenta: história de vida, com a sua educação europeia, de menina que cresceu com a madrinha portuguesa e que ama a distante avó kwanyama e que, por isso, quer conhecer e se aproximar do mundo à volta, enveredando, por isso, pelos caminhos da História, enquanto discurso sobre o passado (pois esta poetisa cruza as duas modalidades discursivas: basta ler *O Lago da Lua* que é óbvio exemplo do modo como a poesia compensa a insatisfação do ofício de historiar, como é o caso narrativa poética *História de amor da princesa Ozoro e do húngaro Ladislau Magyar*).

O ritual de iniciação que a autora encetara dezanove anos antes, em 1985, com *Ritos de Passagem*, atinge aqui (neste livro publicado em 2001), o seu mais harmoniosa estação, com recorrência a dois signos das culturas do sul – o *boi* e a *vaca* -num percurso em que os dois géneros (masculino/feminino) se conciliam no

redimensionamento da nostalgia dos tempos imemoriais, de “*um tempo/sem tempo/antes da guerra, das colheitas/e das cerimónias*”. O *boi* e a *vaca*, que fundam as duas partes da colectânea de vinte e nove poemas, funcionam como signos tutelares na configuração da paisagem humana, nas sua dimensão psico-cultural e social, paisagem dilacerada pelos esquemas históricos ditados por interesses político-ideológicos e pessoais: o “*boi verdadeiro*” como guia da voz entre “o som e o silêncio” (que o mesmo é dizer, entre o caos e os cacos) e a “*vaca fêmea*”, guia também, lenta e firme, representação metafórica da Mãe, mas aquela que lambe as feridas e o coração, aquela que preserva a comunidade da desagregação e da fragmentação identitária face ao desamparo e ao sofrimento. Não se pense, porém, que se trata da simples actualização do símbolo Mãe/Terra, um dos *lugares* canónicos da poesia nacionalista, fundadora dos respectivos sistemas literários: porque hoje

ninguém cumpriu os preceitos  
e agora somos viúvas da floresta  
e temos os sonhos perdidos  
(As viúvas, p. 34)

Ora, como lembra José Manuel Oliveira Mendes<sup>2</sup>, “tradição só é possível em lugares estáveis, permanentes e com dada espessura temporal. Os lugares desestabilizadores conduzem a processos de destradicionalização. (2002, p. 500-01). Na verdade, perante tal situação de contínua turbulência identitária (identidades culturais, sociais e espaciais) que Angola vive(u) como pensar a continuidade das práticas tradicionais?!

(...)  
onde está o tempo prometido p’ra viver, mãe  
se tudo se guarda e recolhe no tempo da espe-  
ra  
p’ra lá do cercado  
(O cercado, p. 23)

Embora, ainda e sempre, com forte ligação à imagem da terra, numa percepção que pode remeter, semanticamente, para a vinculação aos

<sup>2</sup> José Manuel Oliveira Mendes, “O desafio das identidades”. SOUSA SANTOS, *Boaventura de (org.)*, Globalização: fatalidade ou utopia?. 2.ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.



valores culturais tradicionais, a mulher/mãe não tem já aquela restrita marcação tradicional aos lugares simbólicos de fertilidade e de fecundidade. Ao ampliar os critérios da tradicional regulação da simbólica do feminino, a autora não rasura tais dimensões – como poderia? – porém, fá-las implodir para significarem para além dos fiapos que engendram, com recorrência a metáforas tiradas da pauta do corpo e convocando imagens sensuais e eróticas, a dizerem da força que desenha o corpo feminino. Dir-se-ia que a função desse signo, antes transformado em símbolo por razões extraliterárias, era de afirmação: Neste tempo, este signo se desdobra em significações que apontam para a reconstrução, para a reorganização da diferença, para a reescrita do lugar da mulher/mãe no espaço sociocultural e da imaginação:

A mãe

A mãe chegou  
 não estava sozinha  
 o cesto que trazia  
 não estava bem acabado  
 a mãe chegou  
 não tinha as tranças direitas  
 a mãe chegou e o pano que trazia  
 não estava bem alinhado  
 a mãe chegou com olhos maduros  
 os olhos da mãe  
 não olhavam  
 na mesma direcção  
 a mãe chegou  
 e não era ainda o tempo  
 do pão do leite azedo  
 e das crianças.  
 A mãe chegou e a fala que trazia  
 não estava bem preparada  
 a mãe chegou  
 sozinha  
 com as falas da desgraça da miséria do leite  
 fermentado e do barulho.  
 (O cercado, p. 39)

O próprio título desta colectânea diz da sua substância: “dizes-me coisas amargas como os frutos” é o excerto de uma canção da tradição oral kwanyama que se reporta à situação de completo desalento em que a amada recebe a notícia do amado, descrito com “a morte nos olhos/e sem sandálias”, uma sombra que perdeu a “língua de metal/a dos sinais e do provérbio” com o nome da amada inscrito – toda uma construção eufemística para dizer da morte do amado, em notícia que apenas um “estrangeiro”

poderia trazer. Na verdade, o “Estrangeiro” de *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* não é o de *O Lago da Lua*: aquele portador de más notícias, este bem-vindo, o húngaro Ladislau Magyar, o amado da princesa Ozoro, aquele a quem Ozoro ensinou a ser da terra *História de amor da princesa Ozoro e do húngaro Ladislau Magyar*.

Neste terreno ainda do sul, kwanyama particularmente, a poetisa faz a recriação dos sinais de configuração dos mapas identitários, injectando-lhe uma filosofia mais ampla, tão *transétnica*, como o fora em *Ritos de Passagem* e mesmo em *O Lago da Lua*, em que os aportes das culturas do Leste e do estrangeiro Ladislau Magyar tem um lugar produtivo. E, embora se situando nas culturas dos povos do sul, existe uma actualização, existem outras formas de pensar as relações sociais e afectivas, existem outros *lugares* poéticos menos “canónicos” da tradição literária como a guerra, as margens, as sombras, “a esperança cansada da vida”, as “viagens sem regresso”, os “rostos de muralha”, o ehumbo (isto é: o espaço familiar) deserto, o regresso ou a rendição inglória do guerreiro, o não cumprimento dos preceitos, a viuvez, a mudez da mãe, o seu seio seco de leite, a fome e tantos outros tópicos que fazem deste livro uma escritura menos solar. Não admira: este livro foi gerado em tempo de guerra, em que havia a necessidade de reconfigurar um tempo de memórias das origens – “a memória do tempo/em que éramos vatwa” (“Origens”), os míticos (primeiros) habitantes do sul angolano – onde se guardam os alicerces de um mundo a se desfazer:

(..)

A mãe preparou as palavras devagarinho  
 mas o que saiu da sua boca  
 não tinha sentido.  
 A mãe olhou as entranhas sem tristeza  
 espremeu os seios murchos  
 ficou calada  
 no meio do dia.  
 (A mãe e a irmã, p. 43)

Na verdade, em tenso diálogo com a poesia celebrativa da nacionalidade, essa poesia nomeia situações desestruturantes como a guerra ou o sentimento de perda, partida e abandono (daí o título retirado de um poema kwanyama, como já foi dito, a sintetizar o sentimento de perda das mulheres ao ouvirem notícia da morte de seus

homens), que vão da partida à viúvez e à liquidação das relações afectivas, da violência e à escassez de alimento. Em “Sombras”, o sujeito, em interlocução, conclui:

*Teus olhos, amado,  
são os olhos de alguém  
que já morreu  
e ainda não sabe.*

Esta poesia está pontuada por sinais muito disfóricos, signos de ruína e em ruína para, em contramão dialógica – e ideológica –, com o discurso oficial (poético e referencial) dizerem ainda da possibilidade de “fogo novo”, não obstante a crueza da condição sociocultural e económica e a consciência do sonho adiado. E, mais uma vez na contramão, a semântica desse sonho adiado está concentrada na imagem de abandono da mãe que “*olhou as entranhas com tristeza/espremeu os seios murchos/ficou calada/no meio do dia*” (A mãe e a irmã).

Assim, a poesia de Paula Tavares, sobretudo *O Lago da Lua, Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos e Ex-Votos* – dialogante com a poesia de Ruy Duarte de Carvalho – tem um lugar interessante na literatura angolana, ilustrando a consciência e a apetência desse sistema para um deslocamento tópico – o que já está a se verificar – e a funcionar como um cartucho no sistema da angolanidade literária, sedimentada e institucionalizada a partir de sinais da cultura urbana e até cosmopolita e rasa de diferenças etnoculturais. Na sua poesia, e particularmente neste *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos*, o literário angolano passa também a contar com outros territórios para o redimensionamento do discurso sobre a comunidade imaginada e sobre a terra. Dos “ritos” às “formas simples” (no sentido jolliano: portanto, mitos, lendas, provérbios, máximas, poemas e canções tradicionais), o título deste livro que agora ganha, em *ex-aequo*, a segunda edição do prestigiado “Prémio Mário Antónimo” da Fundação Calouste Gulbenkian, reitera a dimensão cosmogónica da palavra, demonstrando, a autora, a sua ciência dos lugares: a integração do “antigo” no agenciamento da nova Angola que, em situação de intensa pungência, está a se fazer nação também pela ritualização da palavra que diz a identidade e a memória – e, cada vez, com mais premência, tem de dizer a diversidade.

Lisboa, 15 de Junho de 2004

Aceito para publicação em 25/02/2005.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

TAVARES, Paula. *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

